



ENSINO DA HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DE ANÁPOLIS

Alexandre Mané¹
Sandra Elaine Aires de Abreu²

Resumo: Este trabalho aprimorou-se em apresentar os resultados das experiências a partir do projeto: “Ensino da História local na Educação patrimonial para os anos iniciais do Ensino Fundamental” executado em uma escola Municipal da cidade, em parceria do Centro Universitário de Anápolis com o Programa de Iniciação à Docência (PIBID). Este teve início em agosto de 2018 se estendendo até janeiro de 2020, e o objetivo foi promover a educação patrimonial no ensino fundamental dos anos iniciais, partindo do componente da história, em cumprimento da menção da referida temática na matriz curricular pela Secretaria Municipal de Anápolis (SEMED). Os demais objetivos foram: desenvolver um estudo sobre os patrimônios históricos e culturais tombados da cidade de Anápolis, ministrar aulas aos alunos e produzir um material didático para que os alunos possam ter a ciência e a importância dos seguintes patrimônios: Antiga cadeia pública; Casa Jk; Coreto de praça James Fanstone; Colégio Couto Magalhães; Colégio estadual Antesina Santana; Estação Ferroviária; Antigo Fórum; Fonte Luminosa; Mercado Municipal Carlos de Pina; e Museu Histórico. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, análise dos documentos, pesquisa ação e relato de experiências a partir das observações feitas na escola-campo por meio de conversas informais com alguns alunos. Foi possível perceber a relevância da atuação do professor enquanto aquele que promove um ensino de história com significado, colocando o aluno como parte integrante deste processo.

Palavras chaves: Educação patrimonial. PIBID. UniEvangélica. Escola – campo.

Na universidade os professores são enfáticos a respeito da relação teoria e prática. O PIBID é um programa que permite vivenciar na prática as teorias ensinadas no ensino superior, por meio das observações e vivência no cotidiano dos anos iniciais na escola campo. Ao vivenciar, teoria e prática, a formação docente tornou-se mais significativa.; partimos da observação nas turmas do 3º e 5º anos dos anos iniciais do ensino fundamental, e depois desenvolvemos o projeto de intervenção no 5º ano.

O PIBID foi desenvolvido em uma das 65 (sessenta e cinco) escolas públicas municipais de Anápolis. A referida escola está situada no bairro São João, atende atualmente 523 alunos do 1º ao 7º ano, nos turnos matutino e vespertino.

Para o efeito de análise desse artigo, dividimos o desenvolvimento do PIBID em (3) três fases: a primeira, a formação no ISE para elaboração do material didático que seria utilizado no projeto de intervenção; a segunda, a observação na escola campo e a terceira o desenvolvimento do projeto de intervenção.

¹ Autor do artigo. Acadêmico do curso de Pedagogia pelo Centro Universitário de Anápolis, UNIEVANGÉLICA – Anápolis/GO. alexaidamane@outlook.com

² Coordenadora do programa PIBID pela UNIEVANGÉLICA



Instituto Superior de Educação (ISE) e Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em parceria com uma escola municipal de Anápolis – 1ª Fase

O Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA) é uma das mantidas de Associação Educativa Evangélica (AEE) fundada em 1947 pelo reverendo Arthur Wesley Archibald em caráter interdenominacional, por isso agrega membros de diferentes denominações protestante (FERREIRA SOBRINHO, 1997).

Em 1961 a AEE funda a Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão, que hoje se constitui no Instituto Superior da Educação (ISE) que faz parte da UniEVANGÉLICA e oferta o curso de Pedagogia. (FERREIRA SOBRINHO, 1997).

O programa PIBID/UniEVANGÉLICA/Pedagogia, teve início no dia onze (11) de setembro do ano de 2018, na escola campo. Em sala de aula os alunos do PIBID, na universidade acima mencionada, tiveram a reunião de caráter informativo juntamente com as professoras supervisoras. A partir desse momento, iniciou-se a observação do campo e ambientação entre alunos do PIBID, professores e alunos da escola campo.

A Escola campo e sala de aula – 2ª Fase

A partir do momento em que estamos em formação em Pedagogia, de certa forma, já começamos a ter um pensamento voltado para sala de aula propriamente dita, em que desenvolveremos a teoria aprendida colocando em prática aplicada no processo da escolarização dos alunos.

Nos primeiros encontros na escola campo, foi notável a importância e a necessidade de associar a teoria com a prática, pois não há 'divórcio' entre as duas. Não é possível haver uma boa prática, sem antes uma boa teoria, ou seja, uma boa prática é o fruto de uma boa teoria.

As observações em sala de aula possibilitaram-nos fazer reflexão sobre os aspectos que deveriam ser observados, como por exemplo, tipos de avaliação e metodologias que deveria utilizar ao longo do programa. Todavia, após os encontros e orientações das supervisoras, foi possível compreender melhor por onde começar e como fazer uma avaliação consistente que de fato traga à tona a realidade daquilo que estava a ser feito no ambiente escolar e na sala de aula, sem equívocos desmotivadores com relação aos docentes daquele estabelecimento municipal em Anápolis (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).



Dentro da sala de aula, observando a prática pedagógica da professora regente, e, ao mesmo tempo fazendo acompanhamento de alguns alunos com certas dificuldades de rendimento escolar em relação ao restante da turma, ao longo de vários encontros, deu-se para perceber a metodologia do ensino adotada pela professora regente.

A professora buscava sempre envolver todos os alunos para que fizessem as mesmas atividades, ressaltando que na sala observada havia um aluno com baixa visão, que realizava as mesmas atividades que os demais, com o único diferencial de que as do aluno com baixa visão tinha uma fonte maior (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

A partir das teorias sobre as concepções pedagógicas inferimos que a concepção da professora se fundamentava na concepção tradicional. Os alunos se sentavam em fileiras em todas as aulas observadas, sendo este um estilo tradicional versus o estilo baseado nas novas tendências. Conforme pensamento de Freitas (2008):

É importante que se discutam as disposições das carteiras, esta disposição é fundamental, pois pode contribuir com a aprendizagem duma maneira significativa. A disposição de carteiras deve mudar conforme a aula planejada, atendendo os seus, uma vez que é sabido que nós aprendemos na interação com o outro, e, com os espaços, fortalecendo a relação da autoridade do professor com o aluno. (FREITAS, 200, p. 5)

O formato da sala, no estilo tradicional, de certa forma revela o professor como o dono da sala, a autoridade máxima, que é o conhecedor da matéria, que sabe tudo, e, vai depositar o seu conhecimento no aluno, como se o aluno fosse o sujeito passivo do processo de aprendizagem. Neste aspecto Maria Montessori (apud FREITAS, 1997) disse o seguinte: “Um homem é aquilo que é, não pelos professores que teve, mas por aquilo que ele mesmo realizou.” Isso não quer dizer que o professor não influencia o seu aluno, claro que pode influenciá-lo, mas não pode mudar aquilo que o aluno é por natureza.

A professora passava muitas atividades para os alunos, o que nos leva a deduzir que nem todos conseguem entender e acompanhar aquele ritmo acelerado das atividades. Talvez as atividades pudessem ser mais explicadas, discutidas para que os alunos pudessem assimilá-las. (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

Os alunos tiveram poucos momentos em que foram dadas oportunidades para serem criadores e protagonistas da imaginação. Percebemos a distância da relação professor-aluno e aluno professor, pois o professor parecia aquele que está em sala de aula para transmitir apenas os conteúdos, e, o aluno apenas para receber aquilo que se



transmitia para ele, ou seja, a professora ficou sendo a detentora da verdade. Remetemo-nos a Paulo Freire (2016) quando afirma:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos a memorização mecânica dos conteúdos narrado. Mas ainda, a narração os transforma em 'vasilhas', em recipientes a serem "enchidos" pelo educador. Quanto mais vá "enchendo" os recipientes com seus "depósitos", tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente "encher", tanto melhores os educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários, e o educador, o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Educador e educando se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem do mundo (FREIRE, 2016, p.24) (grifos do autor).

As observações permitem concluir que a educação escolar, é um processo de longa duração, mas que é o responsável pela transformação da vida humana. A escola faz-nos ter um olhar crítico das realidades, um olhar de não conformismo com as situações que ao nosso redor acontecem. Nesse sentido, Gadotti (1994, p. 41) entende que a escola é concebida como a fornecedora de conhecimentos que auxiliarão na melhor compreensão da realidade em que estão inseridos e de comportamentos sociais que facilitarão seus contatos com os representantes da classe dominante.

No entanto, os profissionais da educação têm muita responsabilidade de fazer com que os alunos, ao longo do processo de ensino e aprendizagem, tenham essa mentalidade transformadora, uma mentalidade principalmente que busca equilíbrio na convivência na sociedade.

Aplicação do projeto em uma sala de aula – 3ª Fase

A terceira parte do projeto refere-se à aplicação do projeto de intervenção em uma sala de 5º ano do ensino fundamental I, na escola supracitada. Os alunos não tinham conhecimento sobre os patrimônios históricos tombados de Anápolis, embora muitos já os tivessem visto, não tinham conhecimento de que eram patrimônios e nem a sua importância para a cidade. Nessa fase, foram ministradas quatro (4) aulas, desenvolvidas de seguinte maneira:

Na 1ª aula, o momento inicial, era de conversa com os estudantes, trazendo conceitos e exemplos simples do que significa patrimônios históricos e culturais, da importância que eles têm para mundo inteiro, para um país, como Brasil, para um estado,



como Goiás, e para uma cidade, nesse caso especificamos Anápolis (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

A partir dessas explicações, percebemos o entendimento, principalmente de interesse dos alunos em relação ao conteúdo. Muitos gostaram, e, pediram que as aulas sobre os patrimônios passassem a ser toda semana, de preferência, duas aulas semanais. No entanto, muitas vezes elas não aconteceram por causa de algumas atividades escolares – provas, festivais etc (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

A segunda aula foi voltada, não sobre o conceito propriamente dito dos patrimônios, mas sim, foi uma aula sobre a antiga cadeia pública de Anápolis, a qual se iniciou com as perguntas sobre o que significa a cadeia, o que se faz na cadeia e onde se situava essa antiga cadeia. Essa aula foi em forma de diálogo, permitindo que cada aluno lesse um parágrafo do texto que foi entregue no início. No final dessa segunda aula, foi pedido aos alunos que fizessem uma pesquisa sobre o patrimônio que seria estudado na aula seguinte.

Na terceira aula, fizemos uma pequena revisão, e recolhemos a pesquisa feita pelos alunos e introduzimos a aula sobre a casa JK. Na ocasião os alunos se sentaram em dupla, leram e conversaram sobre o texto, sendo feito em seguida, um debate com toda a turma. No final da aula, fizeram exercícios em dupla.

A quarta aula foi sobre o colégio Antesima Santana, em que tivemos oportunidade de ter uma aula expositiva e dialogada, envolvendo todos, e, no final, um trabalho em grupos de três (3) estudantes.

Na aplicação desse projeto em sala de aula, percebemos vividamente a responsabilidade de um professor perante os alunos, dos cuidados para com eles, sendo equilibrado, para não amar até ao ponto de mimar aos alunos, e nem ser duro, autoritário até ao ponto de os alunos se sentirem ameaçados por parte do professor.

O professor deve ser aquela pessoa que promova o bem-estar e a confiança no seio dos alunos, pois a sala de aula é um ambiente de aprendizado, não só de saber ler e escrever, mas também da reflexão sobre a vida, sobre a sociedade, a família e a relação de todos. Olhando nesse sentido, considero a ideia da STEDILE (2008), em seu artigo – o professor como gestor da sala de aula, ao dizer o seguinte:

A sala de aula é também o espaço no qual, em determinado tempo, se lida com os acontecimentos de outros tempos e espaços, com as histórias de vida dos os sujeitos. A interação entre os grupos dependerá do professor, de sua forma



democrática de mediar as situações, possibilitando o crescimento de todos os integrantes do grupo. Atuando com conhecimento, organizando o espaço de convívio, planejando o trabalho a ser realizado, mediando conflitos e estabelecendo a confiança mútua, o professor tem condições de criar situações propícias para a internalização dos conhecimentos por parte dos sujeitos e, ao mesmo tempo, possibilitar o desenvolvimento de cidadãos democráticos (STEDILE, 2008, p. 3).

O docente precisa ter a sensibilidade, saber no mínimo os problemas/dificuldades dos seus alunos, compreendê-los não apenas como simples sujeitos em sala de aula, mas sim como sujeitos cujas necessidades não devem ser restritas nas conversas do ensino e aprendizado, mas sim, fazer uma busca continuada do conhecimento e práticas pedagógicas que conduzem aos resultados e às reflexões das práticas sociais, que terão ligações com as realidades dos alunos, evitando assim esse temor da parte dos alunos para com os seus professores. Claro, os professores são autoridades em sala, mas, essa autoridade, não deve constituir medo, limitando-os a não fazerem seus questionamentos quando têm dúvidas em relação a uma determinada temática da aula.

O sistema na maioria das vezes adotado pela escola pode ser um dos motivos que faz com que os professores se demonstrem rígidos aos alunos. Muitas vezes a relação dos professores-alunos e vice-versa, é como se fossem de pessoas estranhas que não se encontram no mesmo espaço. Segundo Cury (2008), tanto professores como alunos, se escondem atrás dos livros, das apostilas, dos livros, dos computadores. Nesse caso ele entende que a culpa não é dos professores, mas sim do sistema educacional doentio que se arrasta por séculos, em que os alunos aprendem a lidar com os fatos que são lógicos, mas sem saber lidar com os fracassos e falhas, sendo apenas preparados para lidarem com o sucesso.

Enquanto bolsistas do PIBID, principalmente nessa fase de aplicação do projeto, percebemos que há professores que aplicam muita informação aos alunos e que muitas vezes não fazem sentido para eles. Por isso, concordo com Cury (2015) que, ao citar Ramanov, disse que este não via sentido em bombardear os alunos com informações sem aplicação para a vida.

Conforme Durkheim (2014), a educação é definida como a socialização da criança. Partindo desta verdade, somado com as experiências vivenciadas na aplicação do projeto PIBID, percebemos o quanto o papel do professor é necessário e desafiador. Às vezes se pensa que ser professor é um mero ensinante de conteúdos, mas a tarefa de um professor



é ensinar os alunos para que se estes saibam lidar com uma sociedade em transformação com responsabilidade sendo construtores do processo da socialização.

Segundo Freire (2016) afirma:

[...] a tarefa do ensinante, que é também aprendiz, sendo prazerosa é igualmente exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo. É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. (FREIRE, 2016, p.32)

O professor deve demonstrar que constantemente todos nós ensinamos e aprendemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aspecto primordial dessa experiência por meio do PIBID foi o desafio era construir junto aos alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental uma abordagem didática do ensino aprendizagem em decorrência das pesquisas bibliográficas e as observações em campo com as leituras/interpretações nas situações com os professores e os alunos.

Ao iniciarmos uma pesquisa do campo, sobre os patrimônios tombados de Anápolis, foi possível perceber a relevância desta temática a partir das orientações do professor pesquisador e coordenador do PIBID. A pesquisa documental a partir de fontes antigas como livros, revistas e jornais sobre os patrimônios culturais foi muito significativa.

A pesquisa feita no campo resultou em produção de um material didático sobre ensino dos patrimônios tombados de Anápolis com aplicação do conteúdo em sala de aula para os alunos do 5º ano do ensino fundamental.

Das pesquisas feitas no campo, das observações realizadas em sala de aula, até a fase da aplicação do projeto para os alunos do 5º ano, foram etapas pedagógicas, pois, à medida que encerrava uma etapa, mais se via a importância e o significado desse trabalho e o privilégio de poder desenvolver esse projeto.

Foi expressiva a experiência obtida durante este período, sobretudo no contato com as professoras/supervisoras e os alunos em sala de aula, o que promoveu-nos crescimento e entendimento daquilo que é ser um professor, o que não apenas significa estar em sala de aula, mas sim, fazer parte da vida dos alunos.



Essa parceria do PIBID com o curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA, junto a uma escola municipal de Anápolis, trouxe-nos grandes benefícios enquanto acadêmicos. A experiência foi ímpar, pois nos fez conhecer e vivenciar a sala de aula de forma marcante mesmo ainda não sendo docente.

No início da formação no curso de Pedagogia, foi nos proporcionado muitos conteúdos teóricos, mas, indo ao campo através do PIBID, vivenciamos outra realidade a qual fez nos fazer entender como a teoria e a prática são inseparáveis e interdependentes.

O aprendizado e o cúmulo das experiências foram válidos e nos fizeram sentir que a responsabilidade vem aumentando diante da necessidade de continuar a busca constante no processo em curso, assim como no exercício da minha profissão como docente.

Consideramos extremamente relevante estar em campo, fazer pesquisas e transformá-las em material didático para os alunos. Considero ainda necessário para a minha formação, estar na sala de aula e auxiliar as professoras em determinadas situações podendo acompanhar os alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Tal experiência acrescentou muito ao exercício futuro da profissão e mesmo que as realidades não sejam as mesmas, os processos, a investigação e o papel do professor compreendidos neste tempo, serão definitivos para uma atuação responsável e consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTE Ronaldo e BONOME ROBERTO José. **500 anos da Reforma protestante. História, Cultura e Sociedade**. São Paulo: edições terceira via, 2017.

CURY Augusto. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

CURY Augusto. **Filhos Brilhantes Alunos Fascinantes**. 2ª Ed. São Paulo: Planeta, 2015.

DURKHEIM Émile. **Educação e Sociologia**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREIRE Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

FREIRE Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 62ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2016.

FREITAS, João Batista de. **A organização do espaço escolar favorece a qual aprendizado?**

FRITZ Marz. **Grandes Educadores**, tradução: Edwino A. Royer – São Paulo: EPU, 1987.



GADOTTI Moacir. **Organização do trabalho na escola**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

Humus Consultoria, 2008.b Acesso em 05/06/2019.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SOBRINHO FERREIRA Olímpio. **Um novo tempo**. 1ª ed. Anápolis/Goiás: Garcia, 2017.

SOBRINHO FERREIRA Olímpio. **Meio Século Formando Gerações**. 1ª ed. Anápolis/Goiás: Garcia, 1997.

STELDE INEZ Maria. **O professor como gestor da sala de aula**. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2145-8.pdf. Acesso em: 16/07/2019,